

Linguagem: representação ou mediação?

Roxane Helena Rodrigues Rojo*

Abstract

This paper contrasts different views about the relations between language and thought, which are fairly present in linguistic and psychological research and also classic in philosophical tradition. One of them sees language as an expressive and communicative device linguistically embodying the world representations that shape thought. The other, assigns language an interpreting role that determines and mediates subject and world relations.

O tema das relações entre *Linguagem, Comunicação e Representação* tem sido fonte de muitos debates na Lingüística e em suas áreas afins, como a Psicologia e a Psicolingüística, por exemplo. A tradição aristotélica e, antes dela na Filosofia, o debate entre naturalistas e convencionalistas estão na base da visão da linguagem como representação. Posição mais que estabelecida historicamente, a partir dela vê-se a língua como porta de acesso ao pensamento e ao mundo.

No debate filosófico entre convencionalistas e naturalistas, na Grécia antiga, o caráter de representação da linguagem era central. Para Demócrito, representante dos convencionalistas, não há harmonia pré-estabelecida entre os nomes (*νομοσ*) e o mundo. Os nomes, cuja justeza é resultante de um acordo entre os homens, são assim vistos como fundantes. Para Heráclito, naturalista ou essencialista, as coisas da natureza (*φισισ*) têm uma essência que é capturada pelos nomes. As palavras são o justo reflexo dos objetos, traduzindo seu sentido essencial. A linguagem, assim, depende da natureza. Há uma harmonia pré-estabelecida entre a linguagem e o mundo.

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Platão, no diálogo *Crátilo ou da Exatidão das Palavras*, encena essas duas teses em debate, por meio de dois personagens: o próprio Crátilo, discípulo de Heráclito, defendendo a tese naturalista, em que os nomes são mimesis ou reflexo do mundo; e Hermógenes, discípulo de Sócrates, mas que no diálogo adota a tese de Demócrito, convencionalista, para quem o indivíduo sente como justo o nome que resulta de uma convenção ou acordo. Na conclusão do diálogo, Platão, na voz de Sócrates, enuncia teses intermediárias:

- tanto as coisas da natureza como a própria linguagem mudam, estão em constante movimento;
- pode ser que, no início, os nomes exprimissem os sentidos das coisas; mas, com o movimento, esta expressão degenerou-se; os usos obscureceram as relações; logo, tornaram-se necessárias convenções;
- portanto, os nomes são imitações imperfeitas das coisas; o nomotéta faz um trabalho imperfeito;
- logo, a linguagem não pode nos ensinar a realidade, mas impede-nos de ver a essência das coisas, de apreender as formas ideais.

Aristóteles retoma esta discussão de Platão, no *Organon*, estabelecendo a função da linguagem de traduzir o mundo, pois as estrutura da língua são o reflexo da estrutura do mundo e, assim, aquela nos permite conhecer o mundo:

- existe um mundo já organizado que obedece a uma lógica pré-existente;
- em relação a este mundo primitivo, a linguagem é derivada, segunda; ela o traduz; ela é seu reflexo secundário;
- logo, a análise da linguagem nos permite ter acesso à estrutura do mundo; conhecer.

O debate convencionalistas/naturalistas e a posição aristotélica foram freqüentemente retomados ao longo da Idade Média e do Renascimento e a querela nominalistas/realistas é um momento importante deste debate.

No entanto, é preciso esperar o século XVII, com Descartes e com a *Gramática Geral e Lógica* de Port-Royal, para ver nascer a noção de “representação” tal como a concebemos hoje. Neste movimento, o essencial da tese aristotélica é preservado: a língua é segunda em relação ao mundo. O que é primeiro, primitivo, são as capacidades de conhecimento humano. A língua passa a ser um instrumento de “representação” das capacidades humanas de conhecer o mundo.

Entre a língua e o mundo aparece o “pensamento” como elo intermediário, capaz de “representações” e “operações”. As palavras e as frases refletem e traduzem (representam), não mais os objetos, mas

operações gerais do espírito, comuns a todas as línguas, uma vez que são operações do “espírito humano” (gramática universal).

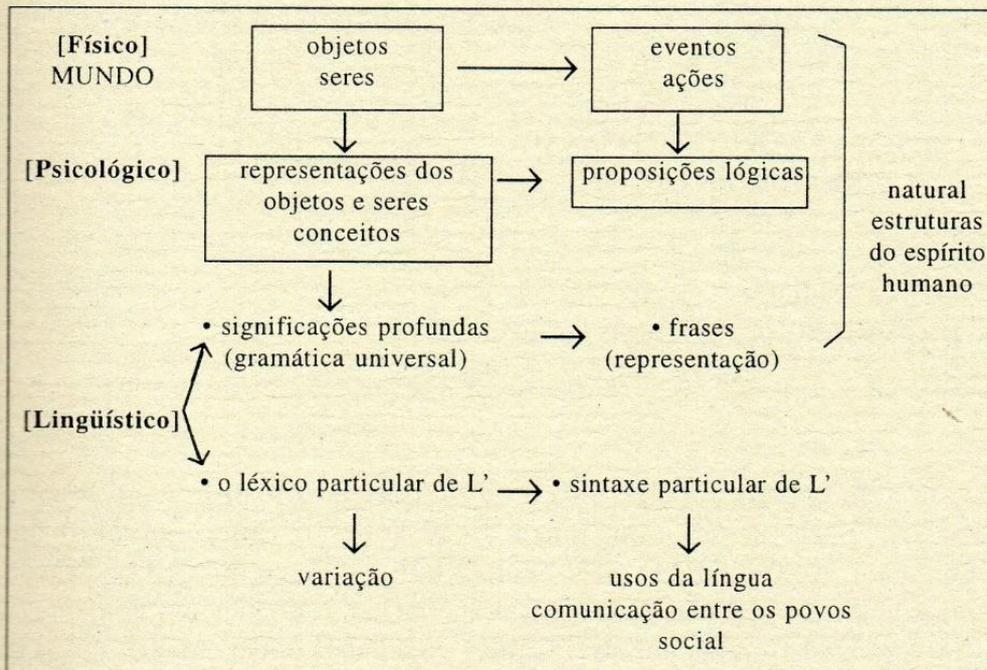
Um esquema que indica aproximadamente as relações propostas na *Grammaire Générale et Raisonnée* de Port-Royal seria o da página seguinte, onde percebemos que a linguagem agora é duplamente secundária:

- secundária é sua gramática (significações profundas e frases), em relação à referência (o mundo e suas representações lógicas) e
- secundário é seu uso, ou o discurso, em relação a esta gramática.

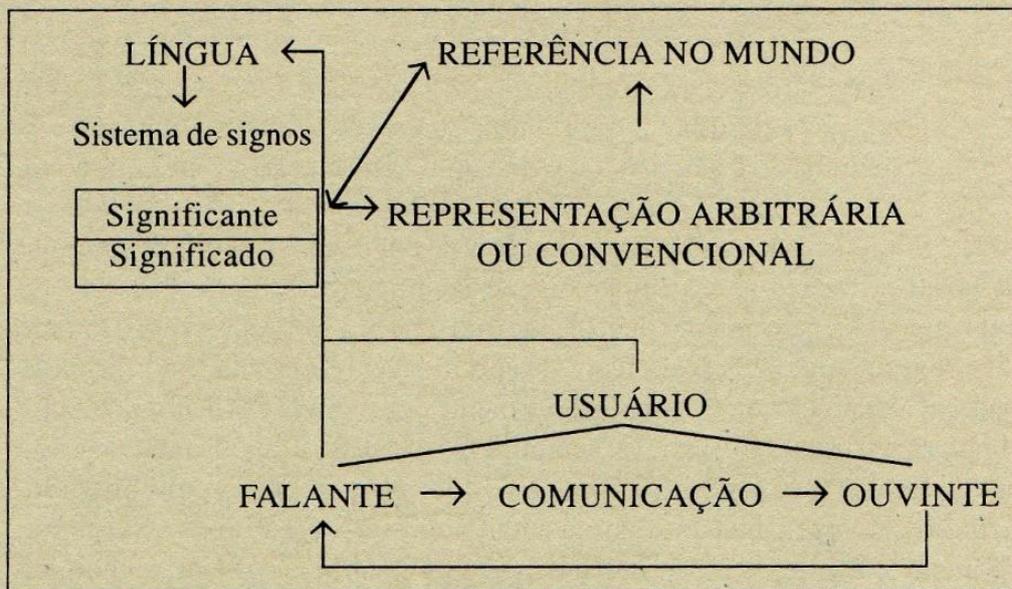
Surgem aí, a um só tempo, as raízes de um sujeito psicológico, sujeito da razão e do logos, e a dupla função da linguagem de “expressar” ou “representar” o pensamento que, ele mesmo, por sua vez, representa o mundo e de “expressando”, “comunicar” a outrem suas representações. Firma-se também a distinção, que será posteriormente consagrada por Saussure, entre a língua e seu uso social, variável e múltiplo (o discurso, a fala, a comunicação).

Este é o universo filosófico que será depois reencontrado, infindáveis vezes, na Lingüística e na Psicologia. De Piaget a Saussure, Chomsky e Hymes, a última definição é universalmente aceita: comunicar é usar a linguagem para expressar representações lógico-cognitivas, que são elementos primitivos (*a priori*), transcendentais ou inatos, subjacentes à expressão e à comunicação.

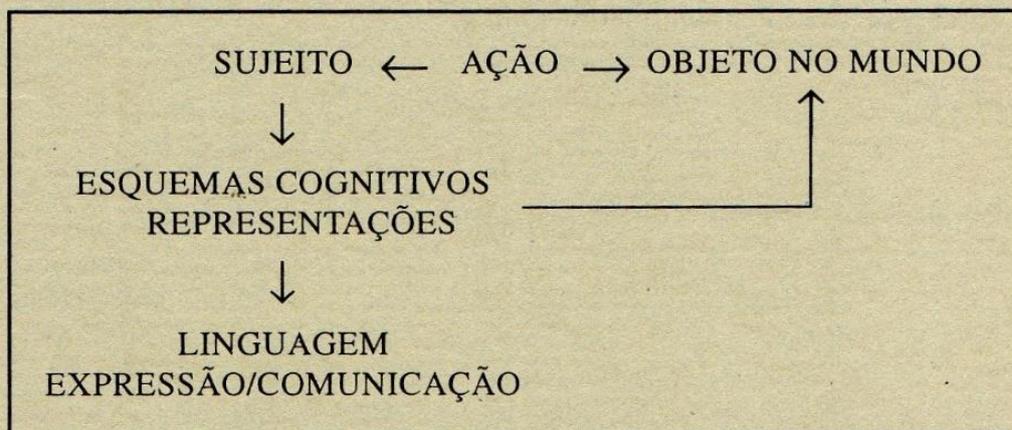
Duplo dualismo: entre linguagem e o mundo representado (referência) e entre sujeitos (o falante, o ouvinte) e a linguagem usada para expressão e, eventualmente, comunicação.



Se formos nos reencontrar com esta concepção na Lingüística Moderna, lá encontraremos o seguinte esquema explicativo recorrente:



Já se nos dirigirmos à Psicologia do Desenvolvimento, teremos uma representação esquemática aparentada à seguinte:



Será preciso recorrermos a outra tradição filosófica, a tradição *monista*, para termos uma outra visão sobre o funcionamento da linguagem. Ao final do mesmo século XVII, um discípulo de Descartes, Spinoza, afirma que não há duas, mas apenas uma substância (*monismo*): o universo, a natureza, a matéria, que é uma causa em si mesma: em si e

concebida por si. Não há senão uma realidade, contínua, homogênea. Todo fenômeno remete à natureza, regida pelas regras do determinismo universal, ou seja, a divina atividade perpétua de expansão. Esta substância única tem uma infinidade de atributos, dos quais dois tipos são acessíveis ao humano: a extensão e o pensamento.

Portanto, o pensamento preexiste desde sempre na matéria. Os atributos de extensão em movimento e de pensamento em ação são dinâmicos, ativos. Esta é a natureza naturante (*natura naturans*).

Mas o humano só acede a estes dois atributos da matéria na forma de *modos* e não enquanto tais, pois o humano percebe as coisas de maneira finita (corpos, idéias, sentimentos singulares). Daí ser capaz de representação, vontade, discretização; logo, de consciência. O humano opera recortes no contínuo da matéria, percebendo a natureza como acidentes finitos, separados, discretos (*natura naturae*) - natureza naturada.

No *Tratado das Afeções*, Spinoza sustenta que o conhecimento de nosso próprio corpo procede do efeito de outros corpos sobre nós, efeito devido à atividade perpétua da matéria. Daí, as idéias, da ordem do pensamento, e as afeções, da ordem da extensão ou do corpo.

Daí se abre portanto uma perspectiva evolucionista, genética, histórica, que funda uma tradição hegeliana e marxista: explicar como o humano se constrói, diferenciado da *natura naturans*. Para Hegel, como para Spinoza, a consciência *em si* já está dada, mas sincrética, indiferenciada. Não é difícil reconhecer aí tanto Vygotsky, como Wallon.

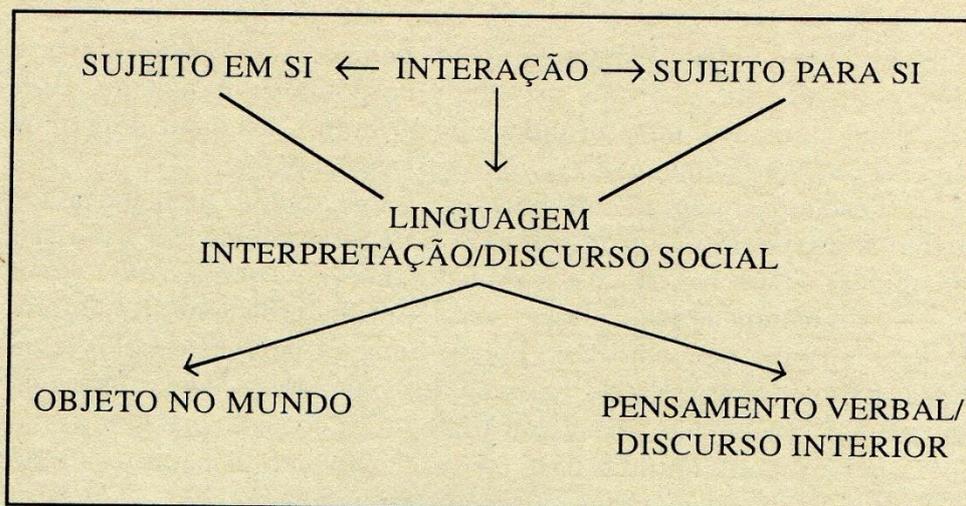
Para Hegel, a diferenciação e a identificação (a consciência *para si*) resultam dos movimentos dialéticos de contradição, de conflito, de negação (*para o outro*) e de superação ou reintegração desta contradição. Surge então o sujeito *para si*, capaz de pensamento.

Num segundo momento desta dialética, este sujeito capaz já de pensar, de produzir, de trabalhar se reapropria da natureza, construindo instrumentos, novos objetos e co-operando, organizado-se em agrupamentos sociais, por meio da linguagem (instrumento semiótico).

A partir desta segunda vertente filosófica, contraporíamos ao título original deste texto - *Linguagem: Comunicação e Representação* - uma segunda temática: *Linguagem: Interação e Interpretação*.

Neste caso, as relações do homem com o mundo são primariamente mediadas pela linguagem e pela interpretação do outro (interação), sem a qual não há homem ou mundo diferenciados, fora do *em si*.

Na Psicologia do Desenvolvimento, esta visão, presente, por exemplo, na obra vygotskiana, pode ser representada pelo esquema a seguir:



Gostaria justamente de retomar aqui uma citação que julgo ser uma das mais belas da obra de Vygotsky, a respeito da relação entre o pensamento e a linguagem, que figura em *Pensamento e Palavra*. Vygotsky diz:

... "O pensamento, ao contrário da fala, não consiste em unidades separadas. Quando desejo comunicar o pensamento de que hoje vi um menino descalço, de camisa azul, correndo rua abaixo, não vejo cada aspecto isoladamente: o menino, a camisa, a cor azul, a sua corrida, a ausência de sapatos. Concebo tudo isso em um só pensamento, mas expresso-o em palavras separadas. Um interlocutor em geral leva vários minutos para manifestar um pensamento. Em sua mente o pensamento está presente em sua totalidade e num só momento, mas na fala tem que ser desenvolvido em uma seqüência. Um pensamento pode ser comparado a uma nuvem descarregando uma chuva de palavras. Exatamente porque um pensamento não tem um equivalente em palavras, a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado." [Vygotsky, 1934: 128-129].

Em notas de 1933, esta idéia aparece como:

... "O pensamento é uma nuvem, da qual a fala se desprende em gotas. O pensamento está estruturado de maneira diferente de sua expressão através da fala. [...] O pensamento não é algo acabado, pronto para ser expreso. O pensamento precipita-se,

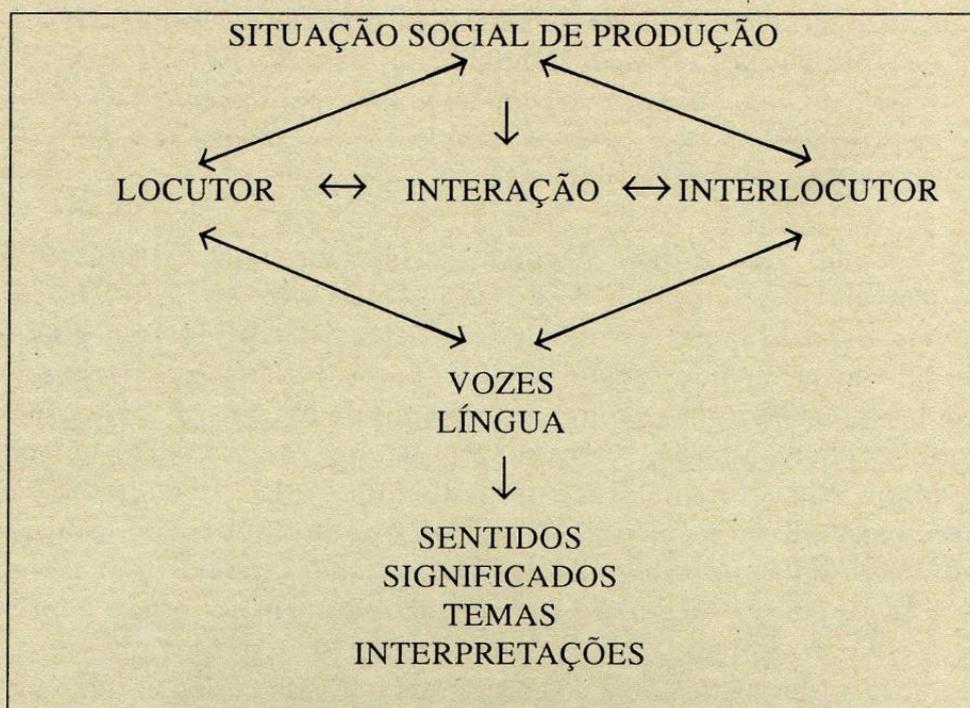
realiza certa função, certo trabalho. Este trabalho do pensamento é a transição das sensações da tarefa - através da construção do significado - ao desenvolvimento do próprio pensamento. [...] O pensamento não só se expressa na palavra, mas realiza-se nela.“
[Vygotsky, 1933: 125]

Como vimos, para Vygotsky, a face do signo estruturante do pensamento verbal ou do discurso interno é o *significado*. A nuvem do pensamento condensa significados/sentidos em gotas de fala interna, que, achando sua expressão nos significantes sonoros, pode (ou não) expressar-se em fala externa. É a isto que estamos chamando de *interpretação* na *interação* com o outro. Também é a isto que Bakhtin/Voloshínov (1929) chamou de *compreensão* ou *réplica ativa*. Mas foi incorporando, internalizando ou se *apropriando* de *interpretações* alheias, por meio da linguagem, na *interação* social, que o homem se tornou capaz de, assim, significar.

Já a Lingüística teve de esperar pelas Análises de Discurso ou pela Teoria da Enunciação para poder pensar a linguagem desta maneira. Criticando o “*objetivismo abstrato*” de Saussure, Bakhtin/Voloshínov (1929) desenvolve uma visão do funcionamento da linguagem, onde dentro de determinada *situação sócio-histórica de produção* os *interlocutores* *interagem* enunciando *discursos* constituídos por um ecoar de *vozes polifônicas* alheias ou anônimas. Todo discurso é citação, é já dito. E é assim que a *língua* cristaliza-se historicamente.

Nesta perspectiva, “...a *orientação social* estará sempre presente em qualquer enunciação do homem, não só verbal, mas também *gestual* - obtida por meio de gestos ou de *mímica* -, independentemente da forma em que se realiza: tanto se a pessoa fala consigo mesma - *monólogo* -, como quando na *conversação* participam duas ou mais pessoas - *diálogo*. A *orientação social* é uma das forças organizadoras vivas que, junto com a *situação de enunciação*, constituem não só sua forma estilística, mas também sua estrutura puramente gramatical (Bakhtin/Voloshínov, 1929:256).

Daí que não haja “*comunicação de representações*” dadas, mas construção, a cada discurso, de *interpretações* do mundo, historicamente situadas, que são únicas pelo processo *interpretante* de *réplica* ativa, mas que estão em permanente diálogo com os muitos já-ditos. O dialogismo bakhtiniano poderia ser figurado como:



Para ambos os autores, Vygotsky e Bakhtin, o pensamento propriamente humano (o pensamento verbal) não pode, portanto, ser visto como representação do mundo, mas como linguagem ou discurso interno, réplica ativa, dialogismo apropriado e, logo, interpretação. Por outro lado, não há propriamente “comunicação” de mensagens que expressam representações, mas o pensamento se realiza (tem existência) na e pela linguagem (interior ou externalizada) e o que há é um eterno diálogo do humano com outro humano ou consigo-mesmo.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES, Organon. In *Obras Completas*, pp. 217-560. Madrid: Aguilar, 1977.
- BAKHTIN, M. (Voloshínov, V. N.) (1929) La construcción de la enunciación. In A. Silvestri & G. Blanck (orgs) *Bajtín y Vigotski: La organización semiótica de la consciencia*, pp. 245-276. Barcelona: Anthropos, 1993.
- (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- PLATÃO, *Crátilo ou da Exatidão das Palavras*. In *Obras Completas*, pp. 497-552. Madrid: Aguilar, 1979.

SPINOZA, B. (1660) *Court Traité (Tratado das Afeções)*. In *Oeuvres I*. Paris: Flammarion, 1965.

VYGOTSKY, L. S. (1933) El problema de la consciencia. In A. Alvarez & P. del Río (eds) *Obras Escogidas*: 119-132. Madrid: Visor.

- (1934) *Pensamento e Linguagem*. SP: Martins Fontes, 1987.